

Ensino de História e História Pública: refletindo sobre experiências passadas e contemporâneas nos cursos de História da Universidade Federal do Paraná

*Teaching History and Public History: Reflecting
on Past and Contemporary Experiences in
History Courses at the Federal University of Paraná*

Clóvis Gruner*
Joseli Nunes Mendonça**

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre o Ensino de História, a História Pública e a relação entre a universidade com espaços mais amplos da sociedade de que ela faz parte. Elas foram motivadas pela leitura do artigo *O entrelaçamento escola, universidade, cursos de História e públicos*, escrito por Bruno Flávio Lontra Fagundes, publicado na edição 20 da *Revista História Hoje*. Nesse texto, Fagundes analisa os cursos de História da Universidade Federal do Paraná problematizando sua relação com o ensino e com públicos ampliados, nos anos 1970 e na contemporaneidade. Professores e pesquisadores que somos na instituição abordada, fomos estimulados a refletir sobre as colocações feitas pelo autor. Este texto comunica o resultado dessas reflexões e, nesse sentido, estabelece um debate que, esperamos, seja uma oportunidade de crescermos juntos, fortalecen-

ABSTRACT

This article presents reflections on the History Teaching, Public History and the relationship between the university and broader spaces of Society, motivated by reading the article *O entrelaçamento escola, universidade, cursos de História e públicos*, by Bruno Flávio Lontra Fagundes, published in issue 20 of *História Hoje*. In the text, Fagundes analyzes the History courses at the Federal University of Paraná, problematizing their relationship with teaching and with wider audiences, in the 1970s and contemporary times. Professors and researchers that we are at this university, we were encouraged to reflect on the author's statements. This text communicates the result of these reflections and establishes a debate that, we hope, will be an opportunity for us to grow together, jointly strengthening the Pub-

* Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. clovisgruner@gmail.com

** Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. jmendon123@gmail.com

do conjuntamente as universidades públicas que se encontram em situação de extrema ameaça.

Palavras-chave: Cursos de História; Ensino de História; História Pública.

lic Universities that are in an extreme threat.

Keywords: History Courses; History Teaching; Public History.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: OS ANOS 1970 NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE FAGUNDES

A edição de número 20 da *Revista História Hoje* trouxe ao público leitor o artigo “O entrelaçamento escola, universidade, cursos de História e públicos”, escrito por Bruno Flávio Lontra Fagundes. Nele, o autor caracteriza os cursos de História da Universidade Federal do Paraná (doravante UFPR) nos anos 1970, considerando que a ênfase dada à pesquisa acarretou um descaso com o Ensino de História e com a História Pública, não apenas no referido período, mas também na atualidade. Professores e pesquisadores que somos nos cursos aos quais Fagundes se reporta, ficamos bastante estimulados a refletir sobre essa tese. Parte do resultado dessas reflexões apresentamos no texto que segue.

No artigo, Fagundes contempla três aspectos e duas temporalidades. Um primeiro ponto observado diz respeito à relação entre a História Pública e o Ensino de História. Em relação a essa abordagem – embora tenhamos experimentado alguma dificuldade de compreensão, pois o texto nem sempre é claro em relação à análise que encaminha –, queremos apenas sugerir que as interfaces e relações entre o Ensino de História e História Pública parecem ser mais complexas do que as apresentadas pelo autor, especialmente no que tange às tensões e mesmo conflitos que se efetivam nesses espaços de produção e divulgação de representações de passado, como apontam vários pesquisadores que têm se dedicado à questão (HERMETO, FERREIRA, 2021; WANDERLEY, 2018; ANDRADE, ANDRADE, 2016; PENNA, SILVA, 2016).

Uma segunda linha de abordagem encaminhada no artigo examina os cursos de História da UFPR em uma temporalidade específica: a dos anos 1970. Não é a primeira vez que Fagundes se debruça sobre os cursos de História da UFPR, problematizando-os nessa temporalidade. O autor já se dedicou

ao tema em outros artigos e, de maneira mais extensa, no livro *O auge da História - História do Curso de História da Universidade Federal do Paraná* (FAGUNDES, 2019). Nossa avaliação da análise exposta no livro não difere da que foi feita pelo historiador Rafael Faraco Benthien, também professor do Departamento de História da UFPR, em resenha que dedicou ao livro (BENTHIEN, 2021). Nela, o resenhista não apenas confrontou a interpretação feita por Fagundes, como também propôs procedimentos e pontos de observação que poderiam torná-la mais complexa e consistente. Ele recomenda, por exemplo, que uma análise como a proposta no livro deveria levar em conta a “pluralidade das trajetórias constituídas pelas e pelos docentes que constituíram o departamento de História da UFPR, com as tensões e conflitos a ela inerentes”. Um olhar mais atento às trajetórias de professoras e professores do curso de graduação e de pós-graduação do departamento evidenciaria que, ao contrário do que considerou Fagundes, muitos tinham experiência consolidada na docência no nível que atualmente chamaríamos de Educação Básica, o que certamente os orientou ao empreenderem ações que resultaram, por exemplo, no projeto “Estudos Sociais a partir da longa duração”. Esse projeto, que definiu parâmetros para implantação da disciplina de Estudos Sociais no sistema de ensino público da cidade de Curitiba, em meados da década de 1970, resultou, entre outros, na produção do livro didático *Estudos Sociais a partir da longa duração*, publicado pela editora da UFPR, em 1976 (BENTHIEN, 2021; MACHADO, 2017; VIANA, 2006). Olhando hoje, em retrospectiva, podemos ter críticas severas a essas ações, o que certamente demandaria uma análise mais cuidadosa, e que não é objeto deste artigo. Mas o mero olhar já desautoriza considerar que não houve empenho daqueles profissionais em estabelecer relação entre o que se produzia na universidade e o que ocorria fora dela, nas escolas. Como argumentou Rafael Benthien, concordando ou não com o projeto, conhecendo-o, “é difícil afirmar que ele [o departamento de História da UFPR] ignorava o ensino ou então desprezava a opinião dos professores secundaristas, os quais participaram da empreitada” (BENTHIEM, 2021, p. 227).

As interpretações feitas em *O auge da História* repetem-se em outro texto publicado por Fagundes, um capítulo de livro em coletânea organizada pela professora Marieta de Moraes Ferreira (FERREIRA, 2020). Um dos pontos abordados nesse artigo diz respeito à relação da UFPR e do curso de

História com a ditadura. Como no livro, também no capítulo as digressões feitas pelo autor sobre essa questão reduzem a complexidade do contexto examinado, o que leva não apenas a conclusões equivocadas, mas ao cometimento de verdadeiras injustiças, expressas em afirmações que resvalam na irresponsabilidade. Segundo Fagundes, “recai sobre o curso de História a acusação de não ter criado problemas para a ditadura” (FAGUNDES, 2021, p. 85), premissa que serve como pretexto para que o autor afirme, entre outras coisas, que o curso de História da UFPR “parece ter sabido se acomodar ao governo militar”, e que havia “alguma alienação dos alunos com relação aos acontecimentos políticos” (FAGUNDES, 2020, p. 126). Aluna do curso nesse período, e anos depois também professora do Departamento de História, presa e torturada pela ditadura, Judite Trindade, provavelmente discordaria da afirmação.

A abordagem que Fagundes realiza dos cursos de História da UFPR na década de 1970 no artigo publicado em *História Hoje* não difere das realizadas no livro e no capítulo mencionados. Reitera-se, neste último, a precariedade (por vezes ausência) de demonstração empírica, a desconsideração do contexto mais amplo configurado pelos demais cursos universitários na área de conhecimento no período contemplado, a simplificação excessiva do objeto específico que aprecia pela desconsideração da multiplicidade de trajetórias profissionais e de posturas políticas. Outros aspectos, nesse último artigo, tornam ainda mais inconsistente a abordagem: aqueles que se referem ao contexto atual.

NA CONTEMPORANEIDADE: A PRESENÇA DE UM “LEGADO”?

A terceira linha de análise realizada por Fagundes mira a contemporaneidade, tratando do que ora parecem ser os cursos universitários de História em geral, ora parecem ser especificamente os cursos de História da UFPR. No seu entender, o que caracterizaria esses últimos seria principalmente o descompromisso com o público não universitário, incluindo o escolar. Essa condição, segundo o autor, resultaria de um “legado” constituído nos anos 1970 nos cursos de História da UFPR.

Essa ideia está longe de ser secundária no texto. Ao contrário, está anunciada já no resumo do artigo, no qual Fagundes afirma a existência de uma

continuidade entre os anos de 1970 e o momento atual do departamento de História. O departamento, argumenta, “legou-nos uma herança, hoje, a meu ver, datada, além do que uma herança que não nos ajuda muito a lidar com os dilemas pedagógicos e institucionais que vivemos hoje. [...] O curso de História a UFPR exprimia um padrão de cursos que nos conduziu a muitos de nossos dilemas atuais ligados ao afastamento universidade-escola” (FAGUNDES, 2020, p. 79). É sobre essa linha de interpretação, reiterada em diferentes passagens do artigo, que gostaríamos de nos debruçar com mais detalhamento. O que buscamos, assim, é aprofundar o diálogo crítico em relação ao contexto atual, no qual, aliás, o autor com quem dialogamos e nós próprios labutamos conjuntamente.

Entendemos que para sustentar a ideia de que há um legado constituído e que, além do mais, os cursos de História da UFPR – ou outros cursos, em geral – dele se tornaram “herdeiros”, seria necessária a mobilização de uma consistente base teórica – que colocasse em perspectiva a ideia de “legado” – ou um substancial aporte empírico, preferencialmente articulando ambas as coisas. Não é, entretanto, o que o autor realiza no artigo, construído mais a partir de ilações do que de evidências empíricas ou referências conceituais sólidas. O artigo não explicita, por exemplo, o que exatamente entende por “legado”, uma categoria mais complexa do que a definida pela simples conceção de continuidade entre passado e presente, sugerida pelo autor. Tratando da construção da memória histórica e da conversão de acervos pessoais em patrimônio nacional, a historiadora Luciana Quillet Heymann assinala que tal construção coloca em perspectiva a produção de “legados históricos”, e que está submetida a “condições diversas”, dependendo, em larga medida, da “ação de sujeitos que expressem a *necessidade* de recuperação desses legados” (HEYMANN, 2005, p. 2). As noções de *necessidade* e *recuperação* não implicam, necessariamente, uma convergência harmoniosa, simples esgarçamento do pretérito na vida coeva de indivíduos, grupos ou instituições. Inspirada principalmente no historiador alemão Reinhart Koselleck, para quem “elas [as experiências] perduram e sofrem alterações conforme as unidades geracionais nascem e morrem [...] se rompem ou se intensificam” (KOSELLECK, 2014, p. 35), Heymann sugere uma “combinação de temporalidades” no estudo dos legados e sua transmissão, sujeitos, os legados, a “alterações no qua-

dro social” (HEYMANN, 2005, p. 4), que os ressignificam e atualizam, seja reafirmando ou contestando, suas realizações.

Uma abordagem refinada em torno da ideia de legado deveria considerar, então, que ela é dinâmica, que implica movimento, que se produz a partir de escolhas, que enseja conflitos. Não é essa a ideia que desponta do artigo de Fagundes. Para ele, o quadro que teria se constituído na década 1970 nos cursos de História da UFPR (não corroborado por evidências), se reproduziria de maneira mecânica no presente. Essa compreensão não pode ter lugar se considerarmos que o mapeamento e a crítica da transmissão dos legados, como propõe Heymann, implicam considerar o modo como a experiência é, por assim dizer, acolhida e tensionada no presente, fazendo com que registros e indícios do passado sejam “lidos” na relação entre o *ontem* e o *hoje*. Novas fontes e novos testemunhos ensejam novas perguntas e, nesses casos, não apenas uma nova luz pode ser lançada sobre o legado recebido, como “toda a tradição até então registrada e reiterada é vista sob nova perspectiva” (KOSELLEK, 2014, p. 57-58). Nenhum desses aspectos é considerado no artigo de Fagundes, que estabelece uma espécie de continuidade absoluta entre ontem e hoje, inscrevendo as experiências de formação em História realizadas pelos cursos da UFPR em um tempo “homogêneo, linear e vazio”, no qual elas não se transformam e não se reconfiguram. Portanto, mesmo se considerássemos adequada a caracterização do contexto dos cursos da UFPR nos anos 1970 – e não consideramos que isso tenha se realizado –, não parece haver uma base teórica minimamente consistente a sustentar a tese do legado pelo autor.

Também não há, no artigo, qualquer exercício empírico que possa demonstrar que na atualidade predomine uma desconexão entre os cursos de História em geral, e da UFPR em particular, com a sociedade mais ampla; tampouco que esses espaços de formação sejam marcados pela desconsideração para com públicos de não historiadores ou para com o ensino de História. Embora não tenhamos dados que permitam questionar essa assertiva em relação aos cursos “em geral”, podemos fazer tal questionamento em relação à universidade na qual trabalhamos, expondo algumas ações formativas que mostram o compromisso de docentes e discentes dos cursos de História da UFPR com a sociedade da qual fazem parte. Mesmo sendo testemunhas das experiências que traremos nesse exercício crítico, não nos eximiremos de cumprir as exigências do nosso ofício, oferecendo às leitoras e aos leitores o

acesso às fontes às quais recorreremos para constituir as ideias que submetemos ao escrutínio quando as tornamos públicas. A introdução das referências, além de necessárias para a demonstração, esperamos que funcione também como um convite para que leitoras e leitores da *Revista História Hoje* conheçam os cursos de História da UFPR e as iniciativas que visam não apenas aproximações, mas sobretudo diálogo com públicos não acadêmicos e com docentes da Educação Básica.

OS CURSOS DE HISTÓRIA DA UFPR HOJE: UM CONVITE PARA CONHECER E DIALOGAR

Na UFPR, atualmente, existem dois cursos de graduação em História. Um deles, ministrado no período vespertino, em 2019, por exigência do Ministério da Educação, precisou se dividir entre bacharelado e licenciatura. Nesse ano, portanto, entrou em vigor um novo currículo, no qual os estudantes, quando atingem 50% de sua formação, optam por uma dessas duas habilitações, bacharelado ou licenciatura. Quem opta pelo bacharelado terá oportunidade de cursar disciplinas de aprofundamento na pesquisa histórica, e quem escolhe seguir na vertente da licenciatura, além da formação para a pesquisa – pois que é compreensão expressa no Projeto Político Pedagógico da licenciatura que a docência em História não se dissocia da pesquisa em História (CURSO DE HISTÓRIA, 2017, p. 11) –, realizará disciplinas que visam a formação para o exercício da docência na Educação Básica. A primeira experiência de opção, no ano de 2021, já mostra a importância da formação para a docência, com o predomínio quase absoluto da licenciatura: dos 19 estudantes que fizeram a escolha, 18 optaram por essa vertente de formação, e apenas um pelo bacharelado.

O outro curso de graduação da UFPR, *História - Memória e Imagem*, forma bacharéis em História e é ministrado desde 2009. Está voltado à formação de profissionais habilitados a produzir conhecimento histórico a partir de suportes e linguagens diversas, que não apenas a acadêmica; a atuarem profissionalmente em espaços, públicos e privados, que constituem narrativas de passado; a trabalharem na preservação do patrimônio, em assessorias a entidades de setores culturais, artísticos e turísticos; constituindo e realizando gestão de bancos de dados, organizando arquivos e preservação da informa-

ção etc. Um exemplo do que resulta dessa formação é expresso pelo TCC de uma das alunas egressas do curso, que produziu uma *webquest* para que estudantes da Educação Básica e público interessado possam conhecer os procedimentos de pesquisa do historiador. Navegando por uma página que desafia o usuário a desvendar o mistério envolvido na morte de um personagem que vivenciou a Revolução Federalista, a *webquest* apresenta fontes por meio das quais o enigma pode ser resolvido. Outra mostra da produção realizada no âmbito do curso *História Memória e Imagem* – orientada pelo rigor acadêmico, produzida de forma compartilhada e voltada a públicos ampliados – é o audiovisual realizado em 2019 pelos estudantes que cursaram a Oficina de História e Memória, que compõe o currículo regular do curso. Muitos e múltiplos materiais de interesse para o público podem ser acessados em um canal do curso em plataforma digital. Esses poucos exemplos, de alguma forma, evidenciam que na UFPR funciona, desde 2009, um curso que tem como objetivo central motivar e capacitar profissionais da História a praticarem a História Pública, respondendo a demandas sociais cada vez mais prementes.

Além dos cursos de graduação, existem dois cursos de pós-graduação em História na UFPR, um deles, o PROFHISTÓRIA. Em funcionamento desde 2016, tem como objetivo “proporcionar formação continuada que contribua para a melhoria da qualidade do exercício da docência em História na Educação Básica” (PROFHISTÓRIA-UFPR). Desde 2018, e apesar de todas as dificuldades decorrentes do contexto da pandemia em 2020, foram mais de 20 dissertações, defendidas e aprovadas, todas elas com contribuições significativas não apenas às/aos docentes que as elaboraram, mas também a outros professores, que podem utilizar ou inspirar-se nos materiais de trabalho didático produzidos pelos mestres que realizaram sua formação continuada no programa.

A título de exemplo, mencionamos as duas dissertações indicadas pelo Colegiado da UFPR ao Prêmio PROFHISTÓRIA de Melhor Dissertação, ambas com contribuições fundamentais à prática docente e que caracterizam, de maneira exemplar, o diálogo entre Universidade e ensino básico. Como parte de seu trabalho final, além da dissertação *Repressão e resistência na ditadura civil-militar: construção de site temático para o ensino de História local (Curitiba-PR)*, defendida em 2018, o acadêmico e professor Luiz Gabriel da Silva construiu e disponibilizou o site “Ditadura em Curitiba”, contendo uma va-

riedade de informações, roteiros e fontes históricas (incluindo pastas do DOPS), tudo disponibilizado para *download* ao público. Construído para que “professores, pesquisadores, estudantes, membros das comunidades quilombolas e público em geral possam conhecer mais dessa história”, o *site* “Paraná Quilombola”, parte da dissertação da acadêmica e docente do ensino básico Helen Cris Leite de Lima, *Paraná Quilombola – um site para ensinar História*, defendida em 2020, apresenta, além de fontes, um amplo conjunto de textos acadêmicos e um sessão contendo roteiros de atividades a professoras e professores do ensino fundamental e médio que pretendam trabalhar a presença quilombola no Paraná em sala de aula.

Apesar de seu perfil mais acadêmico, o Programa de Pós-Graduação em História, herdeiro mais direto do “legado” a que se refere Bruno Lontra, mantém entre seus objetivos promover ações para a “qualificação de professores de História do ensino médio e fundamental”, a busca de parcerias com instituições públicas (secretarias de Educação e Cultura; museus, arquivos públicos etc.) e organizações da sociedade civil (associações, sindicatos, movimentos sociais), além da “divulgação científica da produção do conhecimento histórico em diferentes linguagens, visando atualizações de materiais didáticos em diferentes suportes”.

As contribuições à atividade docente na Educação Básica envolvem tanto professores como, e principalmente, estudantes do programa acadêmico de pós-graduação. Exemplos de trabalhos muito bem-sucedidos podem ser recolhidos das atuações do NEMED – Núcleo de Estudos Mediterrânicos. Desde 2014, docentes e estudantes da pós-graduação e de graduação vinculados a esse núcleo de estudo e pesquisa desenvolvem várias ações voltadas à Educação Básica. Naquele ano, teve início o Projeto Pandora, orientado para o objetivo de “promover o desenvolvimento de materiais paradidáticos para a Educação Básica, com parceria e constante diálogo com o corpo docente de História do Colégio Estadual do Paraná”. A partir dessa parceria, foram produzidos vários textos paradidáticos para o ensino da História Antiga e da História Medieval, todos eles com acesso aberto ao público interessado e a professores da Educação Básica. Entre os temas desenvolvidos nesses textos estão a arte medieval; as mulheres na Idade Média; o cristianismo, problematizado na perspectiva da pluralidade; o oriente medieval, entre outros. Mais recentemente, esse projeto desdobrou-se em várias outras ações, entre elas a série de

lives “Nemed na Escola”, nas quais estudantes do Programa de Pós-Graduação em História, ou egressos dele, falam com professores da Educação Básica sobre os desafios ensejados pelo ensino da História Antiga e da História Medieval.

Ainda no âmbito do NEMED, são realizadas também oficinas, como a que teve como título “Um celular na mão e uma lenda medieval na cabeça”. Esta, especificamente, tratou de temática referente à área na perspectiva do interesse do público mais amplo que o acadêmico, abordando a lenda da Dama do Pé de Cabra, mobilizando ferramentas historiográficas conjugadas com o uso do celular e de aplicativos para a produção de conteúdo para o Ensino de História. Os registros desses eventos, realizados todos no ano de 2020, podem ser acessados por professores da Educação Básica no canal do NEMED no YouTube.

Também significativas são as contribuições de docentes nas esferas públicas. Temos docentes em conselhos e comissões de cultura e preservação patrimonial nos âmbitos municipal e estadual; na seção paranaense da Comissão da Verdade, ou participando ativamente do debate público com colaborações na imprensa periódica, para ficarmos apenas em alguns poucos exemplos.

Ações de História Pública e práticas voltadas para o Ensino de História são implementadas também no âmbito do Programa de Educação Tutorial dos Cursos de História (PET-História). Exigiria uma ampla pesquisa e seria exaustivo listar aqui todas essas ações realizadas por estudantes petianos e docentes que passaram pela tutoria do programa ao longo dos anos, mas vale mencionar algumas, para que professores e demais interessados as conheçam e sejam estimulados a buscar outros produtos que delas resultaram. Entre elas, destaca-se a realização de aulas de História do Brasil para imigrantes haitianos, realizadas desde 2017, no âmbito do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), ativo desde 2013 com o objetivo de promover o acolhimento a populações refugiadas. Esse programa – e a ação do PET-História a ele agregada – é vinculado à Cátedra Sérgio Vieira de Mello e resulta da aliança entre a UFPR e o ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. As práticas efetivadas no âmbito do PET-História são abordadas em capítulo de obra que compila e apresenta as boas práticas

que, em vários espaços acadêmicos da UFPR, foram implementadas no âmbito desse programa (GEDIEL e FRIEDRICH, 2020).

Desse, e de vários outros projetos coletivos do PET, resultam materiais para o ensino de História, que compõem uma Coleção Didática, com livros que sugerem a professoras e professores da Educação Básica possibilidades de trabalhar com temas e abordagens como a religiosidade em Pompéia; o Teatro Guaíra a partir de fontes históricas; o patrimônio histórico e artístico e a produção de identidades; o cinema Western como fonte para estudo da História; o ano de 1917, contemplando a mídia, a greve geral no Brasil e a Revolução Russa. De alguns projetos, resulta também elaboração de Planos de Aula, com ampla disponibilização de fontes para o ensino de temáticas específicas, como é o caso do plano que aborda as “As Ligas Camponesas e a Vida Severina”. É evidente que toda essa produção, ao mesmo tempo em que estabelece canais de comunicação com profissionais que trabalham diretamente com o ensino de História em nossas escolas, representam experiência formativa para as e os estudantes que a realizam.

Projetos coletivos desenvolvidos no âmbito do PET também geraram profícuas parcerias com instituições de memória, com intervenções consolidadas de ações no âmbito da História Pública. É o caso da efetivada com o Museu Paranaense, que resultou na organização da exposição permanente “Moedas Romanas”, na qual trabalharam estudantes de graduação da UFPR, realizando pesquisa e catalogação das moedas que faziam parte da reserva técnica do museu, e auxiliando na montagem da exposição que, desde 2015, desperta interesse dos visitantes da instituição, destacadamente de professores e estudantes da educação, do ensino superior, bem como de pesquisadores e estudiosos de temas relacionados.

Bastante ativos durante a pandemia, os petianos da UFPR oferecem também uma vasta gama de registros de atividades no canal do programa no YouTube, muitas delas relacionadas a um aspecto fundamental da História Pública: a inserção no debate público. Constam entre os temas debatidos vários relacionados a demandas sociais centrais na contemporaneidade, por isso, fundamentais na formação de profissionais da História que possam responder aos desafios do seu tempo: o enfrentamento do racismo e memórias negras; a pandemia, a história e o negacionismo; vivências LGBTQIA+, entre outros.

Igualmente importante foi a participação de docentes e discentes do curso de Licenciatura no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Ao longo de sete anos – de 2011 a 2018, quando o programa foi, primeiro, extinto, e depois reformulado pelo Ministério da Educação –, diferentes projetos abrigaram professores e estudantes que atuaram diretamente em escolas do ensino básico da rede pública, em estreita colaboração com os professores supervisores. Desse trabalho resultaram, além da experiência adquirida pelos nossos estudantes, um conjunto expressivo de projetos e materiais didáticos, planos de aula, “aulões” preparatórios para vestibulandos, entre outros. Não menos importante foi o papel político do Pibid quando das ocupações “secundaristas” de 2016, pelas oficinas e rodas de conversa implementadas por estudantes e coordenadores do programa nas escolas ocupadas em Curitiba e região metropolitana.

Conexões com públicos ampliados e com o Ensino de História são estabelecidas também por meio de projetos de extensão universitária, desenvolvidos por docentes e estudantes dos cursos de História da UFPR. No âmbito desses projetos foram produzidos, por exemplo, guias para orientar visitação e trabalhos didático-pedagógico em vários museus de Curitiba, como o do Expedicionário, o Museu Paranaense, e o Museu Atílio Rocco.

Vinculado ao CEDOPE – Centro de Pesquisa e Documentação – que agrega docentes e estudantes dos Cursos de História, o projeto de extensão *AfroCuritiba*, direcionado a professores e estudantes da Educação Básica e público interessado, realiza um passeio virtual (e presencial, quando isso é possível) na região central da cidade, a partir do qual se constituem narrativas sobre a presença negra na cidade, no período de vigência da escravidão, no Pós-Abolição e na contemporaneidade. Além do passeio, as ações do projeto também se fazem por meio das redes sociais e do YouTube.

Projetos de extensão voltados para o ensino na Educação Básica também ensinam a parceria colaborativa entre docentes da História e da área da Educação, como é o caso do projeto de *Ensino de História: diálogos e possibilidades*, que visa desenvolver ações de formação, produção e de divulgação de proposições didáticas, que contribuam para uma consciência histórica mais elaborada e fundamentada, e para um ensino mais crítico, rigoroso e significativo. Para tanto, são realizados cursos para docentes e interessados não aca-

dêmicos; são produzidos materiais didáticos, em especial voltados para a história local e a história do Paraná.

Esperamos que com essa apresentação possamos ter estimulado leitoras e leitores a conhecer alguns dos frutos do trabalho de estudantes, professores e professoras dos cursos de História da UFPR, em especial os que visam ultrapassar o alcance acadêmico e atingir públicos ampliados e escolares. Em um contexto em que as ações de governo vêm reiteradamente buscando inviabilizar o trabalho acadêmico e científico realizado nas universidades públicas, consideramos fundamental nos posicionarmos dessa maneira. Reconhecemos que temos muito a fazer, que são imensos e urgentes os desafios a nós colocados. Não nos furtamos à crítica e sempre estaremos dispostos a aprender com elas, quando feitas de forma consistente e fundamentada. Reiteramos, por fim, o compromisso social que nos orienta na produção que parcialmente registramos neste texto, esperando que mais que uma “resposta”, ele se configure como um convite para que leitoras e leitores da *História Hoje* conheçam um pouco os cursos de História da UFPR e as conexões que eles estabelecem com a sociedade do qual faz parte.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Everardo Paiva de; ANDRADE, Nívea. História pública e educação: tendo uma conversa, experimentando uma textura. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 175-185.
- BELLOTTI, Karina Kosick et. al. Reflexões sobre as práticas do PIBID História UFPR na perspectiva de alunos e bolsistas. In: LORENZETTI, Leonir et al. *O PIBID na UFPR: socializando experiências*. Toledo: Editora Vivenz, 2017.
- BENTHIEN, Rafael Faraco. Sobre ensino e pesquisa. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, n. 86, 2021, p. 223-232.
- CARDOSO, Jaime Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas Histórico do Paraná*. Curitiba: Livraria do Chaim Editora, 1986.
- CURSO DE HISTÓRIA. Projeto Pedagógico do Curso de História, 2017. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2018/08/projeto_pedag%C3%B3gico_licenciatura_definitivo.pdf. Acesso em: 12/09/2021.
- CURSO DE HISTÓRIA – MEMÓRIA E IMAGEM. Projeto Pedagógico do Curso de História – Memória e Imagem, 2015. Disponível em:

<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/05/PPC-HistoriaMemImagem-2016.compressed.pdf>. Acesso em: 12/09/2021.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. O entrelaçamento escola, universidade, cursos de História e públicos: o curso de História da UFPR em seu apogeu como contra-exemplo de História Pública. *Revista História Hoje*, v. 10, n. 20, 2021, p. 71-89.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. Um curso de História nos caminhos de uma herança: o Mestrado em História da UFPR, de 1971. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). *Universidade e ensino de História*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2020.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *O auge da história: história do curso de História da Universidade Federal do Paraná*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

GEDIEL, José Antônio Peres; FRIEDRICH, Tatyana Scheila. *Movimentos, memórias e refúgio: ensaios sobre as boas práticas da Cátedra Sérgio Vieira de Melo (ACNUR) na Universidade Federal do Paraná*. Curitiba: InVerso, 2020.

GRUNER, Clóvis et al. História, contemporaneidade e quadrinhos: relatos de uma experiência. In: LORENZETTI, Leonir et al. *O PIBID na UFPR: socializando experiências*. Toledo: Editora Vivenz, 2017.

HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo de Almeida (orgs.). *História pública e ensino de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

HEYMANN, Luciana Quillet. *De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: reflexões acerca da produção de “legados”*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6758>

Acesso em: 12/09/2021.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre a história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUCRio, 2014.

MACHADO, Daiane Vaiz. “Perspectivas braudelianas” para o ensino: Cecília Westphalen e o projeto estudos sociais, a partir da longa duração. *Interfaces da Educação*, v. 8, n. 22, 2016, p. 8-32.

PENNA, Fernando de Araujo; SILVA, Renata da Conceição Aquino da. As operações que tornam a história pública: a responsabilidade pelo mundo e o ensino de história. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 195-207.

VIANA, Iêda. *Artes de fazer na reforma escolar: o projeto de Estudos Sociais a partir da longa duração em Curitiba (décadas de 1970-1980)*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2006. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/7255?show=full>. Acesso em: 12/09/2021.

WANDERLEY, Sonia. Didática da história escolas: um debate sobre o caráter público da História ensinada. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 95-109.

NOTAS

¹ O depoimento de Judite Trindade à Comissão da Verdade em Curitiba pode ser acessado em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/65543>.

² Considerando esse dever de ofício, causa estranheza a afirmação preliminar no artigo de Fagundes, na qual ele registra que “gostaria, antes de tudo, de frisar que certas afirmações aqui estão ligadas ao que eu mesmo testemunhei. Isso ocorre naturalmente quando vivemos momentos históricos diferentes sobre os quais discorremos ou aos quais fazemos menção” (FAGUNDES, 2021, p. 72).

³ A experiência pode ser vivenciada pelos interessados acessando: <https://bit.ly/3lkPe74>.

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3C3aNQq>.

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3Ebr9U3>.

⁶ O site do PROFHISTÓRIA-UFPR pode ser acessado em: <https://bit.ly/3nrAFkQ>.

⁷ O site pode ser consultado em: <https://bit.ly/3CzyiFn>.

⁸ O site está disponível em: <https://bit.ly/3zuiyxc>. Todas as dissertações do PROFHISTÓRIA-UFPR encontram-se disponíveis no site do Programa (<https://bit.ly/3nn09jr>) ou na Plataforma EduCapes: <https://bit.ly/2Xg0GII>.

⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3i3VsHV>.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3A84r1t>.

¹¹ Disponíveis em: <https://bit.ly/3tzUzeA>; <https://bit.ly/3k2l0Xe> e <https://bit.ly/3EaMBh2>.

¹² O livro (GEDIEL e FRIEDRICH, 2020) pode ser acessado em: <https://bit.ly/3nTe5ln>.

¹³ A produção didática do PET-História da UFPR está toda disponível na página do Programa: <https://bit.ly/3hqrcGE>.

¹⁴ A descrição do projeto e da exposição pode ser acessada em: <https://bit.ly/3Ay3LCT>.

¹⁵ Os programas, minicursos e audiovisuais organizados ou produzidos pelo PET-História UFPR podem ser acessados no canal do Programa no YouTube: <https://bit.ly/3z09yQd>.

¹⁶ Alguns relatos de experiências do PIBID-História-UFPR estão publicados em BELLOTI (2017) e GRUNER (2017). Disponível em: <https://bit.ly/2Zk83A7>.

¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3Elb6bt>.

¹⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3hmOFIH>.

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3li8Okr>.

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3C44En1>.

²¹ O perfil do projeto no Instagram está disponível em: <https://bit.ly/3908EbA>. O canal no YouTube pode ser acessado em: <https://bit.ly/3nnGCPS>.

Artigo submetido em 24 de setembro de 2021. Aprovado em 10 de fevereiro de 2022.